**Apêndice 1**

**Entrevista a João Almeida – Diretor Adjunto da Antena 2**

1. **Qual o espaço da música de câmara na programação da Antena 2?**

A Antena 2 dado a redução substancial do seu orçamento cerca de 70%, nos últimos cinco anos, passou a programar mais música de câmara do que quando tinha a orquestra da rádio difusão. Talvez 80% dos concertos programados tenham sido de música de câmara (até sexteto). Não porque tenha sido o objetivo primordial a programação de música de câmara, mas porque não havia meios para programar grandes agrupamentos. É sempre caro, a obra é mais extensa é mais cara, os direitos de transmissão são raros na música de câmara, os cachets os custos logísticos são mais caros em orquestra. Há dez anos o orçamento da Antena 2 era de um milhão hoje são duzentos mil euros. A circunstância financeira determinou a sua programação, o que fez com que se descobrisse mais músicos e se conhecesse melhor o meio musical português. A rádio tem hoje um conhecimento mais profundo sobre o meio musical português proporcionado pela música de câmara.

1. **Verifica-se uma ausência de música portuguesa na programação regular das salas de concerto. Como programador qual a sua opinião sobre esta situação?**

Há pouca apetência das salas de concertos e também do público. Apesar da tentativa de educação por parte dos interpretes, há muito público que se nega a ver obras contemporâneas, abandonando inclusivamente os concertos.

1. **Qual a aceitação dos ouvintes em relação à música contemporânea?**

A reação é má, os ouvistes reagem mal, mas quanto a isso respondo que A antena 2 não tem apenas um público, mas vários públicos. A música contemporânea quando passa na rádio há sempre resistência, mas há procura na net, nos programas *vídeo on demand*, há público na rádio para a música contemporânea.

1. **Qual a relação entre os que as pessoas procuram e o que limita os programadores?**

Costumo estabelecer um paralelismo entre a conferência que Eli Pariser deu nas *Conferências TED - Beware online filter bubbles.* As entidades privadas acabam por estar obrigadas a fornecer o que as pessoas gostam, porque se estão a pagar não vão consumir o que não gostam . No entanto as entidades públicas têm a obrigação de ir mais além.